As passagens do sagrado: da mercadoria ao ex-voto no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida/Brasil

Passages of the sacred: from commodity to votive offering in the National Sanctuary of “Nossa Senhora Aparecida”/Brazil

Bianca Gonçalves de Souza e Eduardo Ismael Murguia

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/midas/201>

DOI: 10.4000/midas.201

ISSN: 2182-9543

Editora:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da Silva, Ana Carvalho

Referência eletrónica

Bianca Gonçalves de Souza e Eduardo Ismael Murguia, « As passagens do sagrado: da mercadoria ao ex-voto no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida/Brasil », *MIDAS* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 01 abril 2013, consultado no dia 05 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/midas/201> ; DOI : 10.4000/midas.201

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 Maio 2019.

Midas is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 International License

As passagens do sagrado: da mercadoria ao ex-voto no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida/Brasil

Passages of the sacred: from commodity to votive offering in the National Sanctuary of “Nossa Senhora Aparecida”/Brazil

Bianca Gonçalves de Souza e Eduardo Ismael Murguia

Introdução

- 1 O objeto musealizado ou, para ser mais específico, o objeto institucionalizado é o que acaba por vir a fazer parte de uma coleção, seja ela pertencente a um museu ou a outro espaço institucional que tenha por finalidade informar. Esse processo – o de vir a ser parte de uma coleção – pode ser gerado por diversos fatores, circunstâncias; no entanto, o final desse processo, isto é, tornar-se um objeto pertencente a uma coleção, é uma característica não apenas de obras de arte, artefatos, etc., que estão em museus: os lugares de memória, de vivência de outras experiências que vão além do informar – lugares de vivência religiosa, mas especificamente – são também locais nos quais se pode encontrar tais objetos institucionalizados¹.
- 2 Em regra, qualquer objeto pode vir a ser um objeto museológico, desde que seja institucionalizado. O processo de musealização/institucionalização passa também por outros lugares que não apenas o museu, daí a necessidade e relevância de estudar os objetos que também compõem coleções nesses outros espaços, tal como a sala das promessas, local no qual se guardam, recebem e expõem ex-votos dados à Nossa Senhora Aparecida, no Santuário Nacional, maior santuário mariano em área do mundo.

- 3 O artigo traz uma reflexão sobre o Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, situado no município de Aparecida (São Paulo). Nesse santuário mariano há uma grande sala, localizada no subsolo da planta da Basílica, na qual se localiza uma exposição de objetos votivos. São inúmeros tipos, qualidades e categorias as quais se pode recorrer para elencar essas peças votivas; todavia, são em sua maioria objetos de uso cotidiano que são vistos pelos devotos de Nossa Senhora Aparecida como sendo uma representação de sua fé, de um milagre ou para simbolizar um pedido de graça, o devoto atribui-lhe o adjetivo de votivo e o objeto acaba por passar a ser exposto nesse espaço.
- 4 O ex-voto é todo objeto que é dado como paga de uma promessa ou mesmo para pedi-la, antes mesmo de o devoto se considerar agraciado. Ao longo de mais de três séculos de existência, o Santuário Nacional de Aparecida² recebeu centenas de milhares desses objetos, todos os anos. É, portanto, impossível contar quantos foram ali deixados ao longo desses séculos. Porém, somente em um dia, um sábado, por exemplo, no mês de dezembro, cada funcionário da sala registra, apenas no período da manhã, o recebimento de 400 ex-votos em média³.
- 5 Diante de um volume imenso, o Santuário adotou, ao longo da última década, uma política de recebimento e seleção dos objetos. São vários os destinos possíveis. Porém, a maior parte dos objetos acaba deixando a sala das promessas, retornando à condição de mercadoria. No bazar localizado ao lado da mesma sala, alguns dos objetos são destinados ao descarte, como é o caso de órgãos humanos, objetos cirúrgicos, roupas vestidas por acidentados, dentre outras espécies de objetos que, pela quantidade diária, não há espaço possível para mantê-los, mesmo que por um dia, dentro do espaço da sala das promessas.
- 6 Este artigo trará uma reflexão sobre esse espaço que não é propriamente um museu, mas sim como parte que compõe uma instituição religiosa e um santuário mariano, que é responsável pela exposição de ex-votos selecionados, pelo recebimento dos mesmos e pela definição quanto ao destino de cada objeto votivo que é lá deixado diariamente.
- 7 Nesse espaço, também, cabe lembrar que é claro um fluxo de objetos: esses chegam e passam pela sala, de onde estabelecem novas direções dentro de suas trajetórias como objetos. De mercadorias, passam a configurar também como ex-votos, muitos retornando à condição de produto de mercado ou, quando não assumindo outros posicionamentos. No entanto, isso acontece pelo fato de esses objetos, primeiramente, terem sido pensados por seus doadores como objetos votivos e, a partir dessa nova condição, podem estabelecer e representar relações sociais, afetivas, históricas, além de assumirem a posição de objetos-documento, os quais representam e informam às pessoas uma relação de fé que é materializada e concretizada por meio dessas representações votivas.

O Santuário Nacional de Aparecida e a sala das promessas

- 8 O Santuário Nacional compreende um complexo muito maior que a Basílica atual que abriga a pequena estátua de Aparecida. Desde o século XVIII, as margens do rio Paraíba, porto de Itaguaçu, onde fora pescada a estátua, até o centro da cidade com a construção da Basílica Velha, o município de Aparecida passou por transformação até adquirir, já o século XX, as edificações que compõem esse santuário mariano. Sua relevância em face do cenário cristão-católico se revela, primeiramente, pelo afluxo crescente de visitantes que ocorrem ano a ano; no entanto, difere de outros santuários famosos, como o de Nossa

Senhora de Fátima, em Portugal, o de Nossa Senhora de Guadalupe, no México, por exemplo, pois nele não há relatos de aparição, apenas a pesca da imagem que originou a construção desse espaço mariano.

- 9 A atual Basílica, iniciada em 1946 – por projeto encomendado pelo então arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Motta, ao arquiteto Benedito Calixto – começou a ser utilizada como espaço sagrado em 1980, quando da vinda do papa João Paulo II ao Brasil, que foi quem a sagrou novo templo mariano. Ainda hoje, no entanto, a Basílica nova está em processo acabamento de seus revestimentos, paredes, pisos, caracterizando uma obra em constante modificação.

Tabela - Dimensões principais do SNA. Fonte: Santuário, s.d., p. 14-15.

Extensão	173 metros
Largura	168 metros
Naves	40 metros
Retábulo do Trono	40 metros
Cúpula central	70 metros
Torre	100 metros
Área Coberta	18.000m ²
Área Construída	23.300m ²
Tijolos	25 milhões
Piso em granito	
Telhado	257.000 telhas azuis
Volume de concreto	40.000m ³
Capacidade da Basílica	43.000 pessoas
Estacionamento	272.000 m ²
Estacionamento para carros	6.000 vagas
Estacionamento para ônibus	4.000 vagas

- 10 A Basílica Nova compreende uma área composta por dois planos: um superior, no qual ficam a igreja, capela da velas, torre e o museu, estacionamentos, além do shopping do romeiro (ou Centro de Apoio ao Romeiro), o conjunto de lojas e restaurantes que são anexos à Basílica; e no piso inferior ficam banheiros, padaria, sala das promessas, bazar, salas de confissões, área para refeições, além de banheiros e outros espaços para melhor atender aos visitantes.

- 11 O local destinado para recebimento dos ex-votos é a sala das promessas. Desde o início do culto a essa devoção mariana município, as pessoas deixavam esses objetos nos entornos da Basílica Velha ou mesmo no porto de Itaguaçu. Com a construção da Basílica Nova, surge um espaço dedicado para os objetos votivos e, nos anos de 1970, a sala das promessas passa a funcionar no subsolo da torre.
- 12 Em 2003 houve sua última reforma, adaptando ao espaço vitrines, um balcão para recebimento dos objetos, aplicação das fotografias nas paredes e teto da sala, colocação de objetos nas paredes, trazendo ao espaço da sala das promessas uma caracterização que faz dela um lugar expositivo dos ex-votos selecionados. A sala conta com um padre responsável pela sua organização e gerenciamento e esse padre, juntamente com os funcionários, é quem define objetos que serão mantidos, descartados, redirecionados, enfim, são os responsáveis pelos destinos que o objeto votivo assumirá após seu ingresso na sala das promessas.

Tabela 2 - Sala das Promessas. Fonte: Santuário, s.d., p. 15.

Sala das promessas
1300 m ²
10 funcionários na sala
Média mensal de n° de ex-votos – 18.500
N° aproximado de fotografias que ornamentam a sala: 70 mil

- 13 Vale, por conseguinte, mencionar que o trabalho pautou-se de uma experiência junto ao Santuário, de visitas anuais desde 2008. As visitas eram especificamente de observação do espaço, por isso o uso da etnografia como método de análise e como técnica de observação se fizeram muito importantes. Nas duas últimas visitas, o acompanhamento se deu no interior da sala mencionada, na qual foram registradas mais de cem entrevistas com devotos que ali deixavam seus objetos. O ponto central era saber por que o devoto o trazia, qual a motivação, e se ele tinha conhecimento do destino do objeto. Dessa forma, o trabalho apresentou-se, ao final, bastante descritivo do espaço observado, seguindo um procedimento de análise etnográfico, propondo uma compreensão da totalidade do Santuário pelo viés de análise da sala das promessas.
- 14 A etnografia, com o auxílio da observação participante, auxiliou sobremaneira na apreensão dessa sala como um espaço que não pode se limitar apenas a uma vislumbre do sagrado. A observação favoreceu a compreensão da sala como sendo um lugar de transição, e nunca de permanências, pela qual todos os ex-votos passam, mas enquanto nela permanecem, o espaço lhes atribui o valor de documento.
- 15 Isso só pode ser percebido na profunda pesquisa etnográfica. Em princípio, achou-se que esse valor era atribuído pelo devoto. Com o passar do tempo, viu-se que o contexto – a sala das promessas – é ela mesma quem traz ao objeto o caráter de documento. Ela é um espaço institucionalizado que atribui esse valor – que depois é abandonado, quando o objeto votivo deixa a sala.

- 16 Sendo um trabalho desenvolvido dentro da Ciência da Informação, autores como Bernd Frohmann, Michel Buckland, bem como Bruno Latour, Arjun Appadurai, como fontes de reflexão antropológica e social, fortaleceram a compreensão desse espaço sagrado e, ao mesmo tempo, produtor de informação e que abraça uma documentação de fé, concretizada nos objetos votivos.

O objeto votivo e a biografia de objetos

- 17 Para Julita Scarano (2004, 35), o ex-voto é:
- ...o princípio e o fundamento do ex-voto cristão é o milagre, a idéia de que Deus está disposto a ouvir e responder ao pedido dos fiéis, daqueles que crêem. O ex-voto brasileiro é, por isso, também conhecido, até mais conhecido, como *promessa* ou *milagre*, abarcando das duas vertentes: a do pedido e a da resposta favorável.
- 18 Além disso, o ex-voto, como a autora esclarece, é um veículo legítimo de troca de bens e apresenta também uma paga, ou seja, uma paga simbólica que é feita por aquele ou aquela que foi agraciado. Ela ressalta que esse objeto votivo auxilia na divulgação da ideia de que a fé propicia favor do Alto, como se aqueles que olhassem esses objetos soubessem que personagens celestes estariam dispostos a ouvir e atender aos pedidos. O ex-voto, para Scarano (2004) é um veículo que traz consigo informação, seja sobre essa relação com o além, com o Alto como ela se refere, seja informação sobre o fiel ou devoto: no mínimo, reconhece que, para algum indivíduo, um determinado objeto é a representação dessa relação com a fé e com uma graça possivelmente recebida.
- 19 Todavia, a autora supracitada trabalha apenas o ex-voto pintado, ou seja, representações de cura, milagres, salvação, que eram especialmente utilizadas nos séculos XVIII e XIX. Atualmente, são raros os objetos artesanais que surgem para suprir essa intenção e, no caso do Santuário Nacional de Aparecida, cada vez mais os objetos cotidianos são os mais comuns de representarem essa relação.
- 20 Maços de cigarros, garrafas com bebida alcoólica, remédios, roupas, são alguns exemplos de artefatos de uso e consumo que são diariamente deixados no balcão da sala das promessas. Uma panela de pressão retorcida por conta de um estouro, por exemplo, torna-se ex-voto. A panela em si não goza mais da função que antes tinha – de cozinhar – e também não foi descartada. O indivíduo vitimizado no acidente do estouro da panela passou a ver nesse objeto a representação da sua graça: em especial, trata-se de pessoas que solicitaram a intercessão de Nossa Senhora, seja no momento da explosão da panela, seja após o fato, pedindo a ela que restaurasse a saúde e o restabelecimento dessas pessoas.
- 21 De mercadoria, a panela de pressão passou a ser objeto de uso cotidiano, para terminar na sala das promessas como um objeto que é parte da coleção de ex-votos que há nesse lugar. Arjun Appadurai e Igor Kopytoff (2006) compreendem que a condição de mercadoria pode ser uma fase na vida social de um objeto e essa fase não exaure a biografia do objeto: é necessário entender que o objeto é culturalmente regulado e sua interpretação está aberta para um certo grau de manipulação individual. Isto é, ser mercadoria implica uma relação muito mais complexa que a que é delimitada pela teoria marxista, por exemplo, que delimita a discussão do valor da mercadoria aos valores de uso e de troca.
- 22 Para tais autores o que se revela no estudo das biografias de objetos são as relações culturais e sociais que estão por trás dessa movimentação dos objetos e, no caso dos

objetos votivos, relações de fé e de religiosidade tangem a função assumida por um objeto quando se pode vislumbrá-lo atrás das vitrines expositivas da sala das promessas.

- 23 As biografias de objetos compreendem a trajetória de um objeto – seja ele um artefato, uma obra de arte, até um pedaço do corpo humano ou um objeto natural, como uma pedra – desde a sua fabricação ou desde o momento em que é identificado por alguém como possuidor de alguma função ou uso até o momento em que se extingue. Assim como a biografia de seres humanos – que narram desde o momento inicial ou a partir do nascimento de alguém, até o momento no qual a biografia foi escrita ou até o tempo da morte do biografado – o que se têm é um relato que busca identificar como o objeto surgiu ou como alguém o retira da inércia para pô-lo em circulação ou uso cotidiano.
- 24 As biografias de objetos são possíveis de serem identificadas nos objetos votivos da sala das promessas do Santuário Nacional. Algumas vezes, a sala é apenas um lugar de passagem, no qual o objeto fica momentaneamente, enquanto não tem definição dos novos caminhos que poderá traçar; em outros, a sala das promessas é um espaço de ancoramento de objetos votivos, isto é, constituem parte de sua biografia no interior desse espaço, como objetos expostos para representar a devoção dos visitantes desse santuário.
- 25 Os objetos que permanecem na sala das promessas também assumem uma posição de objetos biográficos: remetem constantemente ao fato de que alguém, um indivíduo, deixou esse objeto na sala das promessas. O objeto biográfico, portanto, “é uma testemunha significativa da vida de alguém e, no espaço do museu, pode assumir os mais variados sentidos” (Ramos 2004, 114). Sendo assim, esses objetos votivos localizados na sala das promessas constituem biografias e representam biograficamente os indivíduos que os trouxeram àquele local.
- 26 Na maioria dos casos, a sala das promessas é um espaço pelo qual passam fluxos de objetos: quase a totalidade deles deixa o espaço, pouquíssimos são os que ficam nela. No entanto, os que ali permanecem, acabam por se tornarem mais do que meros objetos cotidianos e votivos: tornam-se documentos.
- 27 O documento, para a Ciência da Informação, é visto como uma entidade fornecedora de informação para a construção do conhecimento, é o suporte sobre o qual a informação se inscreve. Paul Otlet (1937, 1) ilustra essa idéia: “Documento é o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é também, atualmente, o filme, o disco e toda parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica”. O documento é ontologicamente material. Para Rodrigo Rabello e José Augusto Guimarães (2006, 13), o documento pode ser caracterizado:

...enquanto a síntese de um conhecimento objetivamente materializado em um suporte, ou, para estendermos um pouco mais o conceito, caracteriza-se pela atribuição de valores e significados a um determinado suporte (sendo ele produto ou não da atividade humana) o que, por sua vez, possibilita a representação e a organização dos conceitos nele identificáveis.
- 28 O objeto-documento, portanto, tem valor e gera significados que fazem dele a representação materializada de uma informação. Trazendo essa ideia para o contexto da sala das promessas, os ex-votos são documentos que informam sobre a fé das pessoas, sobre como as pessoas materializam essa relação de fé, representam materialmente como é estabelecida o vínculo entre devotos e a figura do sagrado, particularmente representada ali por Nossa Senhora Aparecida.

- 29 Uma maneira para melhor compreender essa construção do objeto-documento é a via que revela as biografias desses. Vejamos o caso dos objetos ligados a vícios, como garrafas de pinga e maços de cigarros. Além de serem mercadorias, são objetos de consumo, perecíveis, destinados ao consumo individual. É grande a quantidade de pessoas que levam esses objetos à sala das promessas como provas de que as pessoas se livraram dos vícios do alcoolismo e tabagismo ou então para pedirem para se livrarem deles. Ali, no espaço da vitrine, tais objetos se alçam para além de objetos de consumo e mercadorias: são documentos, representam uma superação de alguém – uma pessoa que, provavelmente, superou um vício – e tornam-se, aos olhos dos visitantes, uma prova de que outros creram e alcançaram graças e milagres pessoais.
- 30 Dentro dessa vitrine, em especial, foram colocadas garrafas de aguardente, de espumante, cerveja, uísque, maços de cigarros das mais variadas marcas, todos trazidos à sala por devotos. Selecionou-se uma grande variedade a fim de melhor representar esses vícios. Algumas garrafas estão vazias; no entanto, boa parte delas vem cheias, assim como os maços de cigarros. Em dezembro de 2010, em visita ao local, encontramos um senhor que vinha trazer uma garrafa de aguardente que havia comprado, no intuito de deixar na sala das promessas para representar que havia se libertado do vício do alcoolismo. Geralmente, o que se vê é o devoto que traz a bebida que mais costumava consumir ou o maço de cigarros da marca que costumava fumar.
- 31 Dessa maneira, no estudo da circulação das mercadorias, como Arjun Appadurai (2006) revela, é possível perceber muito mais que a mera construção das relações de produção que são inerentes ao capitalismo: a mercadoria não é só constituída de valores de uso e de troca, não é tão somente resultado de um processo laboral sobre uma matéria-prima que termina por produzir um bem que será vendido. Em concordância com essa ideia, Marshall Sahlins (2003) coloca que ao se estudar o modo de produção capitalista – bom como seu produto final, a mercadoria – é possível apreender como se dão as relações sociais. Para ele, a produção de mercadorias possui uma intenção cultural: seja pelo que o consumo dessa mercadoria possa representar, seja pela representação que a própria mercadoria reproduz no contexto social.
- 32 Quando vislumbramos uma garrafa de aguardente fora do contexto da sala das promessas, entendemos que se trata de um bem de consumo humano: trata-se de um recipiente de vidro ou plástico que em seu interior traz uma bebida alcoólica. Entretanto, quando essa mesma garrafa tem sua trajetória social marcada pelo seu ingresso na sala das promessas, ali esse objeto biográfico acrescenta à sua história social como objeto o fato de, agora, ser um objeto votivo, isto é, representa uma relação de fé com a santa de devoção, no caso, Maria. Além disso, esse objeto ali dentro pode ser biografado: pode-se buscar identificar como ele chegou até ali, qual a motivação que o trouxe, por que o devoto viu nesse objeto a representação de sua fé ou de uma graça recebida.
- 33 Outro exemplo dentro da sala das promessas é o de dois geodos de pedras naturais brasileiras, dados como ex-votos. O proprietário da mineradora, sendo devoto de Nossa Senhora Aparecida, preparou esses objetos para que fossem levados e doados ao Santuário Nacional. Fora do Santuário e da sala das promessas, tratam-se de minerais, valiosos até, que podem ser utilizados para confecção de bijuterias e joias, ou para outros fins; no interior da sala, documentam a fé de um proprietário de uma mineradora que, por ter recebido uma graça, viu sua fé e seu agradecimento à Nossa Senhora Aparecida simbolizado nesses geodos lilases.

- 34 Ainda quanto aos geodos, um fator que auxilia na compreensão da extensão que esses objetos alcançam quando são ali expostos como ex-votos é quando deparamos com outros visitantes que, diante desses objetos, param e passam a contemplá-lo, como sendo uma extensão da fé em Maria, como prova da fé de outros para com ela, como representantes da cura e dos milagres que a santa possa promover. Dessa maneira, percebemos que o ex-voto acaba por se nos mostrar também como sendo um agente social.
- 35 O objeto que se torna ex-voto assume, portanto, uma série de relações que permitem analisá-lo à luz de diversas possibilidades de análise: como documento, como objeto polissêmico (para Susan Pearce [1990], essa é uma condição do objeto institucionalizado, isto é, adquirir e trazer à tona a polissemia de significados que suporta), como produtor de significado, como agente social. Bruno Latour (2007), em seu texto no qual analisa a formação do social, diz que esse adjetivo social é o nome de um tipo momentâneo de associação e essa é caracterizada pela maneira como se reúnem as coisas ou pessoas para novas formas.
- 36 O autor coloca que, melhor do que o estudo da sociedade para a Sociologia, seria a reflexão sobre o social, ou seja, sobre como essas formações momentâneas se dão e para que finalidades. No que tange aos objetos, Latour (2007, 71) lembra que dificilmente lhes é permitida a reflexão: são geralmente vistos apenas pelo “domínio de relações materiais causais” e não pelo “domínio reflexivo simbólico das relações sociais”⁴. Dessa forma, o que o autor pretende é trazer o objeto para o contexto de reflexão, retirando-o da margem do social para que faça parte desse.
- Much like sex during the Victorian period, objects are nowhere to be said and everywhere to be felt. They exist, naturally, but they are never given a thought, a social thought. Like humble servants they live on the margins of the social doing most of work but never allowed to be represented as such (Latour 2007, 73)⁵.
- 37 Com o auxílio desse autor sobrecitado, portanto, torna-se mais claro o entendimento de que o objeto assume o papel de agente social no âmbito social, pela capacidade que demonstra de agenciar. No entanto, o autor reconhece que esse tipo de exercício, trabalhar com o objeto como sendo um agente social não é fácil e exige uma preocupação de trazê-lo, reinseri-lo dentro do contexto social para que assim se possa verificar a capacidade de agenciamento que o objeto promove. Chris Gosden (2005, 196) também se volta para a reflexão do caráter agenciador dos objetos:
- When pornography is seen not as a representation of violence against women, but as an act of violence, or when a painting is discussed in terms of what it does to the viewer, then we are imputing actions and effects to things, which we might otherwise see as inanimate. The simple everyday question “what does it do?” attaches a power or capacity to objects, although not necessarily will or intention. Objects that do things might seem to take us into a realm of fetishism, totemism, animism or idolatry, attitudes to the world acceptable in children or non-Westerners, but dubious for sophisticated post-modernist actors to hold⁶.
- 38 Esse é o caso com relação aos ex-votos da sala das promessas: todos eles, individualmente em alguns casos, mais especialmente no todo da sala, agenciam as pessoas, agem sobre a fé das mesmas, sobre a forma como se relacionam com a estatueta, até porque esse espaço é uma extensão da própria santa: não podendo tocar a imagem que está há alguns metros exposta na Basílica Nova, totalmente protegida por vidros anti-choque, pelos ex-votos, ao tocá-los, mesmo que apenas com o olhar, como entende Stephen Pattison (2007), tem-se uma relação de maior intimidade, afetividade, no caso, com Nossa Senhora Aparecida.

- 39 Para exemplificar, novamente, vale mencionar o caso de uma réplica, de quase dois metros de altura, que foi esculpida em 2010 e dada como ex-voto no final desse mesmo ano, como objeto votivo. Por conta do tamanho e pelo peso do objeto, deixaram-no na sala das promessas, em um lugar baixo, no qual as pessoas conseguem tocá-la e admirá-la de maneira muito próxima.
- 40 Assim como interpreta Bruno Latour (2007), o objeto agencia as pessoas pelas possibilidades de associações que ali se desenrolam: diante dessa imagem, as pessoas param, oram, deixam bilhetes, pois é uma forma de interação e de relação tátil com a santa: essa representação da imagem de Aparecida permite o toque, a reflexão e a proximidade, fatores que não são permitidos – o toque e a proximidade em especial – com a imagem original.
- 41 Essa estátua de proporções maiores permanece ainda hoje na sala das promessas. Até mesmo pela dificuldade de locomovê-la, os responsáveis pela sala decidiram por mantê-la no local. Eis que ela se tornou parte do contexto, ao passo que, individualmente, além de ex-voto, de objeto artístico também – pois foi feita por escultores como forma de agradecimento – é documento da fé desses devotos e representa e materializa uma relação de fé, concretizada por meio desse objeto.
- 42 As pessoas que visitam o espaço admiram a estátua, oram, tocam-na e se deixam fotografar ao lado dela, pois esse objeto transcende a mera condição de objeto material inócuo: ele assume uma posição de agenciador e dá subsídios para que as pessoas promovam inferências, isto é, para que reflitam sobre essa experiência de fé, ao passo em que assume, por fim, a capacidade de familiarizar, ainda mais, o devoto com Nossa Senhora Aparecida.

Considerações finais

Modern Western thought places a low value on the material world and its products, paralleling traditional Christian morality: both are at odds with modern Western capitalism, which places an inordinately high value upon the possession of material. This is one of the fundamental paradoxes of Western life, and museum collections are part of the heart of it. Here we are concerned with the role Western philosophy has allotted to material culture, a role which objects are seen as merely the outcome or the product – or even the detritus – of primary thinking, feeling and acting which is carried out elsewhere (Pearce 1993, 17)⁷.

- 43 A retomar a divisão de Platão sobre a dualidade inerente à tradição ocidental, a professora Susan Pearce comenta que essa dualidade (ou seja, separar o que é imaterial do que é material, ideal versus real), composta de duas colunas (a da esquerda que concentra a superioridade essencial do que não é material, enquanto que a coluna da esquerda concentraria o que é material, além de termos a isso associados, tais como mau, impuro, etc) define a maneira de pensar do mundo ocidental, sempre pautado por essa dualidade que define a vida em sociedade e a forma como os homens organizam sua visão de mundo. O que é material está sempre associado ao mundo físico, enquanto que o que for metafísico associa-se ao não-material.
- 44 Essa visão dualística, que está atrelada a uma visão cosmológica, que vê o material como sendo passivo, acaba por influenciar também a visão que Descartes terá da razão humana. A visão cartesiana novamente classifica o mundo material, dividindo entre corpo e mente, gerando uma crença na razão humana, atribuindo-lhe um papel superior ao que

representa a materialidade. Mas o que se dá que é a ideia não sobrevive sem o material, os objetos são “inscrições intencionais sobre o mundo físico o qual incorpora significado social; [...]. Ideia e expressão não são duas partes separáveis, mas a mesma construção social”⁸ (Pearce 1993, 21).

- 45 O objeto precisa da linguagem para descrevê-lo, mesmo quando essa tem dificuldades de fazer esse exercício. Susan Pearce demonstra que a vida social dos objetos é tão importante quanto a linguagem, sobretudo quando se pretende conhecer uma sociedade. A autora identifica neles – objetos – uma vida e essa é vivida paralelamente com a dos seres humanos; fazem parte, portanto, da vida em sociedade tal como os indivíduos que criam esses objetos e deles se utilizam. Dentro de uma análise da Semiologia, os objetos incorporam relações como signos e como símbolos. Em relação aos signos, estão dentro do contexto que os gera e pela relação metonímica com o seu tempo, o seu contexto. Já como símbolo, as relações se fazem pelas interpretações que possa promover, no presente e no futuro.

Objects, we have noted, have lives which, though finite, can be very much longer than our own. They alone have the power, in some sense, to carry the past into the present by virtue of their ‘real’ relationship to past events, and this is just as true for casts, copies and fakes as it is for more orthodox material, for all such copies bear their own ‘real’ relationship to the impulse which created them, and have their own place in the history of perception and taste (Pearce 1993, 24)⁹.

- 46 A materialidade dos objetos, portanto, é recurso imprescindível para se perceber o mundo e essa análise é plenamente estendida para o que diz respeito ao objeto votivo. Para se compreender esse universo que existe em torno da imagem do século XVIII de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, é necessário apreender a relação com os objetos votivos, ou seja, entender o que representam, o que documentam, o que querem informar. A materialidade, por fim, da relação de fé é imprescindível para se compreender a construção das relações de devoção com essa representação de Maria.
- 47 Acabam por assumir, dessa maneira, uma função múltipla: para o devoto que o doou, o objeto votivo é prova de uma relação de fé e de alcance de uma graça; para o visitante, esse mesmo objeto é um referente, um incentivo, uma maneira de se aproximar da santa de devoção. Para a comunidade católica e para outros grupos que se ligam ao espaço – Igreja Católica, devotos, ordens religiosas – os ex-votos são objetos sociais que representam uma memória, reforçam a fé em torno da pequena estatueta de Maria, agenciam outras pessoas que acabam – por tomarem contato com essa realidade da sala das promessas – sendo motivados, a reconhecerem na santa sua santidade, seu poder de cura e de atenção para com aqueles que nela crerem.
- 48 O objeto votivo, portanto, que permanece no interior desse espaço é, novamente, um agente social como Bruno Latour (2007) menciona, pelo fato de dialogar com a comunidade e com os grupos de pessoas que transitam nesse local anualmente.
- 49 Assim como Bernd Frohmann (2004) estuda a relação de estabilização que é própria da informação científica, os ex-votos são essas estabilizações dentro do Santuário Nacional de Aparecida: diante do movimento dos fluxos de objetos pela sala das promessas, os que se ancoram no interior da sala cristalizam a representação da informação, tornando-se documentos. Revelam-se, por fim, como estabilizadores de relações sociais dentro do Santuário Nacional: apesar de a sala ser um local de fluxo, ela também se nos mostra como espaço de ancoragem de objetos que estabilizam, fixam essas relações associativas que se dão nesse espaço sagrado.

- 50 Os objetos votivos que compõem a sala das promessas formam um universo material que remete ao sagrado e ao profano, tratam da fé e do cotidiano das pessoas. É um espaço de transição, nada permanece nela para sempre. A sala das promessas abarca uma documentação de fé – o ex-voto entendido como documento, como prova de um milagre. Na observação do espaço, entretanto, a sala é uma extensão da igreja, um espaço onde as pessoas tateiam com o olhar a relação de fé de outros com Nossa Senhora Aparecida. Visitam a sala, observam-na e interpretam-na.
- 51 Os objetos votivos funcionam como provas de devoção e de graças recebidas. Funcionam de maneira catequética, também, pois educam e ajudam a formar uma visão cristã-católica e uma relação de devoção e afeição com Maria. Por fim, os objetos votivos agenciam as pessoas, fazem-nas devotar uma simples réplica da imagem pescada em 1717, vendo nela a mesma santidade que creem pertencer à Nossa Senhora da Conceição Aparecida; veem nos objetos uma extensão de Maria, uma atitude de fé e de respeito diante dessa devoção mariana.
-

BIBLIOGRAFIA

- Appadurai, Arjun. 2006. Introduction: commodities and the politics of value. In *The social life of things: commodities in cultural perspective*, 3-63. Cambridge: Cambridge University Press.
- Frohmann, Bernd. 2004. *Deflating information: from science studies to documentation*. Toronto: University of Toronto Press.
- Gosden, Chris. 2005. What do objects want? *Journal of Archaeological Method and Theory*, 12 (3):193-211.
- Kopytoff, Igor. 2006. The cultural biography of things: commoditization as process. In *The social life of things: commodities in cultural perspective*, ed. Arjun Appadurai, 64-91 Cambridge: University Press.
- Latour, Bruno. 2007. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Otlet, Paul. 1937. *Documentos e documentação: introdução aos trabalhos do Congresso Mundial da Documentação Universal*. Paris. Disponível em: www.conexaorio.com/bit1/ (consultado em janeiro 2008).
- Pattison, Stephen. 2007. *Seeing things: deepening relations with visual artefacts*. Londres: SCM Press.
- Pearce, Susan. 1990. Objects meaning; or narrating the past. In *Objects of knowledge*, 125-140. London: The Athlone Press.
- Pearce, Susan. *Museums, objects, and collections: a cultural study*. Washington, Smithsonian Institution Press, 1993.
-

Rabello, Rodrigo e José Augusto C. Guimarães. 2006. *A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto da Organização do Conhecimento: elementos para uma reflexão*. VII ENANCIB Unesp/FFC, Marília.

Ramos, Francisco R. L. 2004. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos.

Sahlins, M. *La pensée bourgeoise*. 2003. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Santuário Nacional de Aparecida. *Press Kit - Imprensa*. Marketing Institucional, Assessoria de Imprensa, s.d. Disponível em http://www.a12.com/santuاريو/media/arq/Presskit_Geral_Santuاريو_Nacional%20atualizado.pdf (consultado em janeiro 23, 2011).

Scarano, Julita. 2004. *Ex-votos pintados em madeira: séculos XVIII e XIX*. São Paulo: EDUSP.

NOTAS

1. Tal debate é resultado de uma pesquisa de doutorado que foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Marília, São Paulo (Brasil).
2. Fundado inicialmente no século XVIII, com a construção de uma pequena capela às margens do rio Paraíba, onde a imagem de Aparecida fora pescada em 1717. No século XIX, foi construída a antiga Basílica, localizada no centro do município e apenas em 1980 inaugurou-se a Basílica Nova e o complexo que a cerca.
3. Dados coletados em dezembro de 2010, quando foi efetuada visita ao Santuário. Dos cinco funcionários que trabalhavam naquela data no recebimento dos ex-votos, apenas um deles havia registrado mais de 400 objetos, no sábado dia 18 de dezembro.
4. No original: They [objetos] might exist in the domain of 'material' 'causal' relations, but not in the 'reflexive' 'symbolic' domain of social relations.
5. Tal como sexo no período vitoriano, objetos estão em parte alguma para serem ditos e em toda parte para serem sentidos. Eles existem, naturalmente, mas a eles nunca é dado um pensamento, um pensamento social. Tais como humildes servos eles vivem à margem do social fazendo muito do trabalho, mas nunca permitidos para serem representados como tais (Tradução livre).
6. Quando pornografia não é vista como uma representação da violência contra mulheres, mas como um ato de violência, ou quando uma pintura é discutida em termos do que ela faz para o observador, então nós estamos imputando ações e efeitos para as coisas, as quais nós devemos ver senão como inanimados. A simples questão cotidiana "o que isto faz?" agrega um poder ou capacidade aos objetos, embora não necessariamente vontade ou intenção. Objetos que fazem coisas devem parecer-nos levar para o domínio do fetichismo, totemismo, animismo ou idolatria, atitudes aceitáveis no mundo de crianças e não-ocidentais, mas dúbias para atores sofisticados pós-modernos suportarem (Tradução livre).
7. O pensamento moderno ocidental coloca um baixo valor sobre o mundo material e seus produtos, paralelamente à moralidade tradicional cristã: ambos são discordantes com o capitalismo ocidental moderno, o qual atribui um valor excessivamente alto sobre a posse do material. Isto é um paradoxo fundamental da vida ocidental e coleções de museus são parte central disso. Aqui nós estamos preocupados que regra a filosofia ocidental tem atribuído para a cultura material, uma norma na qual os objetos são vistos como meramente o resultado ou o produto – ou mesmo o detrito – de um pensar primário, sentir e agir, o qual é posto em prática em qualquer lugar (Tradução livre).
8. "...intentional inscriptions on the physical world which embody social meaning;[...]. Idea and expression are not two separable parts, but the same social construct" (Tradução livre).

9. Objetos, nós temos notado, tem vidas as quais, embora finitas, podem ser mais longas que as nossas. Eles sozinhos têm o poder, de certa forma, de trazer o passado para o presente pela virtude de suas reais relações para com os eventos do passado, e isso é tão verdade para modelos, cópias e falsificações como é para o mais ortodoxo material, pois cada uma dessas cópias pode suportar sua própria relação com o impulso que os criou, e ter seu próprio lugar na história da percepção e do gosto (Tradução livre).

RESUMOS

O presente artigo reflete sobre os objetos votivos expostos na sala das promessas situada no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, localizado no município de Aparecida (S. Paulo, Brasil). Nesse local, há um espaço para recebimento e exposição dos ex-votos objetos, doados como paga de promessa ou para iniciarem uma relação de fé. O objetivo do artigo é compreender como, desde o ingresso na sala das promessas, o objeto votivo é selecionado e a ele dado novos rumos, no interior do Santuário ou para fora dele. No entanto, uma pequena quantidade permanece no interior da sala das promessas. Esses objetos tornam-se documentos, agentes sociais, pois revelam estabilizações no interior das relações associativas. Com o auxílio de leituras providas da Ciência da Informação e de outras áreas, e após pesquisa de campo efetuada no local nos últimos três anos, o artigo demonstra como a materialidade da informação é imprescindível para se apreender a relação da sociedade com essa. No contato com o ex-voto, o visitante estabelece inferências, interpretações, que o auxiliam na compreensão do espaço, da fé, da figura de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

This article reflects on the votive objects exhibited in the room of promises situated in the National Sanctuary of *Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, located in the city named Aparecida (São Paulo, Brazil). At the sanctuary, there is an area to receive and exhibit votive offerings, which are donated as payment or to initiate a relationship of faith. This article's aim is to understand how, from entering the room of promises, the votive object is selected and receives new directions, within the Sanctuary or outside it. Nonetheless, a small number are kept in this specific room dedicated to votive offerings. These objects become documents, social agents, because they reveal stabilization within associative relationships. With the help of readings from Information Science and other areas, and after carrying out ethnographic research over three years, this article shows how the materiality of information is indispensable for apprehending the relationship between society and information. Through contact with the votive offerings, the visitor establishes inferences, interpretations, which assist in comprehending the space, faith, and *Nossa Senhora da Conceição Aparecida*.

ÍNDICE

Palavras-chave: ex-voto, Santuário Nacional de Aparecida, documento, informação

Keywords: votive offering, National Sanctuary of Aparecida, document, information

AUTORES

BIANCA GONÇALVES DE SOUZA

Bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil), em 2002; mestrado na mesma área, com concentração em Antropologia (PUC/SP, 2004); doutorado em História Social (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009); doutorado em Ciência da Informação, na Universidade Estadual Paulista – UNESP (Marília/S. Paulo), em 2010, durante o qual cursou estágio de doutorando na Universidade de Leicester/Inglaterra, Departamento de Estudos sobre Museus. É professora colaboradora na FFC – UNESP/Marília. Possui experiência nas áreas de Antropologia e Sociologia, atuando com os seguintes temas: documentação, religiosidade católica e etnografia. biancagsouza@yahoo.com.br

EDUARDO ISMAEL MURGUIA

Possui bacharelado em História pela *Pontificia Universidad Catolica Del Peru* (1981), *Post Graduate Diploma in Information Work at the Leeds Polytechnic* (1987), mestrado em Biblioteconomia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1990) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1997). Atualmente é professor efetivo na Universidade Federal Fluminense – UFF – Niterói/RJ, e professor colaborador no programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Possui experiência nas áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação, atuando principalmente no seguinte tema: instituições e agenciamentos documentais. murguia@vm.uff.br